



# FÉRIAS

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO N.º 72 | MAIO DE 2016  
Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede



BIBLIOTECA ESCOLAR

CLARA PÓVOA

## Ficha técnica

**Título:** *Férias*

**Autor:** Biblioteca Escolar Clara Póvoa | Serviço das Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede

**Seleção:** Alexandra Caldeira, Esmeralda Rodrigues, Conceição Sacarrão, Emília Laranjeira, Fernanda Cravo, Isabel Bernardo e Paulo Melo

**Paginação:** Conceição Sacarrão

**Edição:** Isabel Bernardo

**Imagem:** Bernardo Carvalho (pormenor)

*Férias* by Biblioteca Escolar Clara Póvoa | Serviço das bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Finisterra-Cantanhede is licenced under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial SemDerivações 4.0 International Licence

**“Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão. No fundo, isto não tem muita importância. O que interessa mesmo não é a noite em si, são os sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre, em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.”**

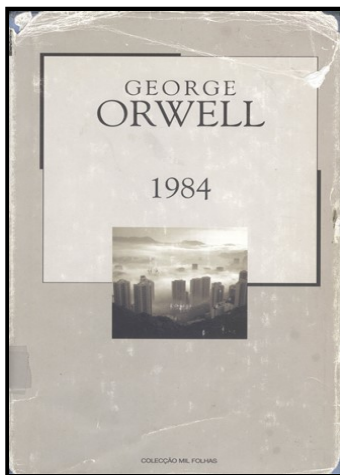
**William Shakespeare, *Noites de verão***

**No Boletim Bibliográfico “Férias”, para as noites e os dias de verão, solarengos ou chuvosos, solitários ou acompanhados, sugerimos leituras ao gosto dos que trabalham semanalmente na Biblioteca Escolar Clara Póvoa e que partilham a ideia de que na leitura está a semente de muitos dos nossos sonhos.**

**Boas leituras!**

1984

Alexandra Caldeira sugere...



«Na rua, pequenos turbilhões de vento faziam girar em espiral poeira e papéis rasgados, e embora o sol brilhasse e o céu estivesse de um azul estridente, de nada transparecia cor, excepto dos cartazes colados por toda a parte. O rosto do bigode preto olhava, sobranceiro, do alto de cada esquina. Havia um na fachada da casa mesmo em frente. O GRANDE IRMÃO ESTÁ A VER-TE, dizia a legenda, enquanto os olhos escuros sondavam os de Wnston. Mais abaixo, ao nível da rua, outro cartaz, descolado num dos cantos, tremulava nervosamente ao sabor do vento... »(p. 8).

Cota: 821-31 ORW  
N.º de registo: 9869

Orwell, George (2002). 1984. Porto: Público.

## *Se numa noite de inverno um viajante*

Alexandra Caldeira sugere...



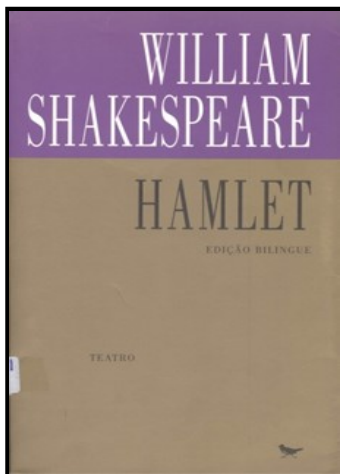
«... avanças para diante das torres de reduto, onde te põem resistência os Livros Que Há Muito Tempo Programaste Ler, os Livros Que Há Anos Procuravas Sem os Encontrares, os Livros Que Tratam De Alguma Coisa De Que Te Ocupas Neste Momento, os Livros Que Queres Ter Para Estarem À Mão Em Qualquer Circunstancia, os Livros Que Poderias Pôr de Lado Para Leres Se Calhar Este Verão, os Livros Que Te Falam Para Pores Ao Lado De Outros Livros Na Tua Estante, os Livros Que Te Inspiram Uma Curiosidade Repentina, Frenética E Não Claramente Justificada» (p. 9).

Cota: 821-31 CAL  
N.º de registo: 9855

Calvino, Italo (2002). *Se numa noite de inverno um viajante*. Porto: Público.

## Hamlet

Alexandra Caldeira sugere...



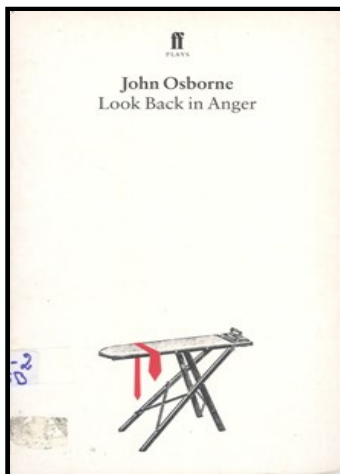
Ophelia (sings) How should I your true love know/ From another one?/ By his cockle hat and staff/ And his sandal shoon./ O ho! Queen Alas, sweet lady, what imports ths song? Ophelia Say you? Nay, pray you mark. (sings) He is dead and gone, lady,/ He is dead, and gone,/ At his head a grass-green turf,/ At his heels a stone. Ofé (canta) Como hei-de teu amor distinguir/ De um outro amor qualquer?/ Pela vara e chapéu de vieira/ Mai-la sandália no pé. Rai Ah, tão doce senhora, que quer esta canção dizer? Ofá Que dizeis? Não, ouvi, peço-vos. (canta) Senhora, morto está e foi-se,/ Morto está e foi-se./À cabeça leiva de erva verde/ E uma pedra só aos pés.» (pp. 176-177).

Cota: 821-21 SHA  
N.º de registo: 10441

Shakespeare, William (2001). *Hamlet* (2.ª ed.). Lisboa: Cotovia.

## Look back in anger

Alexandra Caldeira sugere...



«Do you know I have never known the great pleasure of lovemaking when I didn't desire it myself. Oh, it's not that she hasn't her own kind of passion. She has the passion of a python. She just devours me whole every time, as if I were some over-large rabbit. (...) That bulge around her navel – if you're wondering what it is – it's me. Me, buried alive down there, and going mad, smothered in that peaceful looking coil. Not a sound, not a flicker from her (...). You'd think that this indigestible mess would stir up some kind of tremor in those distended, overfed – but not her! ...» (p. 36).

Cota: 821-2 OSB  
N.º de registo: 9005

Osborne, John (1996). *Look back in anger*. London: Faber and Faber.

## Orgulho e preconceito

Alexandra Caldeira sugere...



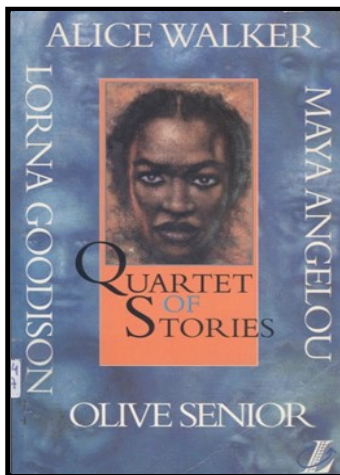
«- Como se chama ele? / - Bingley. / - É casado ou solteiro?  
- Oh! Solteiro, naturalmente, meu caro! Um homem solteiro e de grande fortuna, com rendimentos no valor de quatro ou cinco mil libras anuais. Que maravilhoso acontecimento para as nossas filhas!  
- Como assim? que têm elas a ver com isso?  
- Meu caro Sr. Bennet – retorquiu sua mulher -, que maçador que o senhor é! Sabe perfeitamente que encaro a possibilidade de ele vir a casar com uma delas  
- É essa a intenção dele ao vir instalar-se para aqui?  
- Intenção! Que disparate é que está a dizer! Porém, é muito natural que ele se apaixone por uma delas, e exactamente por isso o senhor deve visitá-lo logo...» (pp. 5-6).

Cota: 821-31 AUS  
N.º de registo: 10430

Austen, Jane (2006). *Orgulho e preconceito* (2.ª ed.). Mem Martins: Europa-América.

## Quartet of stories

Alexandra Caldeira sugere...



«The experiences of black peoples, and especially of black women, have largely been invisible in the traditional body of literature in English, or they have been marginalized and presented through the eyes of white writers. (...) The writers of the stories in this collection have focused on what they know about: their own lives and experiences and the lives of black women before them. (...) have tried to bring their oral tradition to their writing, to retell their histories, to record the lives of their communities and to share their experiences of life: to make history into her story too» (pp. Xii-Xiii ).

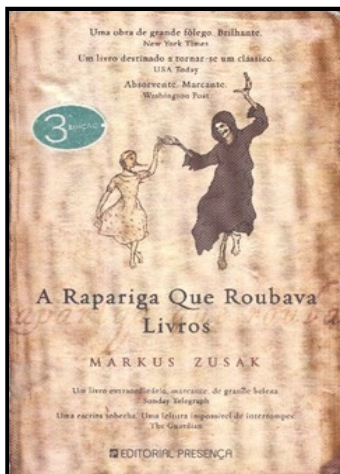
Cota: 821-34 QUA  
N.º de registo: 8208

Angelou, M., Walker, A., Senior, O., & Goodison, L. (1997). *Quartet of stories* (2.<sup>a</sup> ed.). Inglaterra: Longman.



## A rapariga que roubava livros

Conceição Sacarrão sugere...



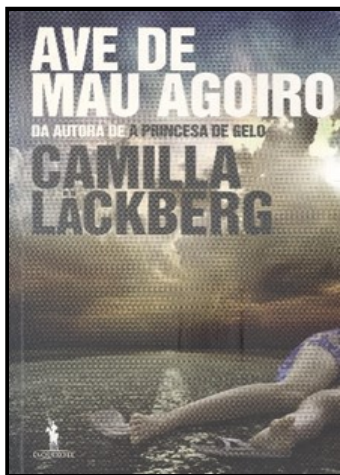
«Sim, uma carreira ilustre. Devo apressar-me a admitir, no entanto, que houve um hiato considerável entre o primeiro livro roubado e o segundo. Outro ponto digno de nota é o facto de o primeiro ter sido roubado da neve e o segundo do fogo. Sem esquecer que outros lhe foram também dados. Tudo contado, ela possuía catorze livros, mas via a sua história como sendo predominantemente feita por dez deles. Desses dez, seis foram roubados, um apareceu na mesa da cozinha...» (p. 31).

Cota: 821-31 ZUS  
N.º de registo: 11741

Zusak, Markus (2008). *A rapariga que roubava livros* (3.ª ed.). Lisboa: Presença.

## *Ave de mau agoiro*

Conceição Sacarrão sugere...



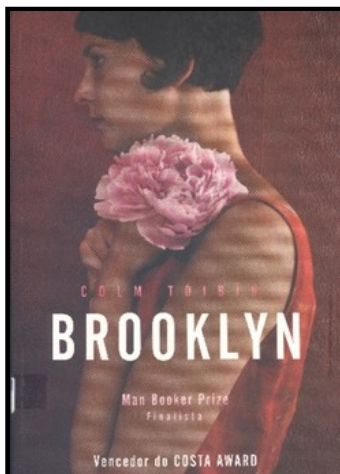
«Não era por acaso que o conselho municipal estava reunido na sua própria casa, em vez da reunião decorrer no centro comunitário. Após meses de profunda remodelação, que custara dois milhões de coroas, a casa estava pronta a ser inspecionada e admirada. Era uma das maiores e mais antigas casas de Grebbestad e fora preciso uma grande dose de persuasão para convencer os anteriores proprietários a vendê-la. A casa «pertence à família há gerações», argumentavam...» (p. 15).

Cota: 821-312.4 LAC  
N.º de registo: 12714

Läckberg, Camilla (2011). *Ave de mau agoiro*. Alfragide: Dom Quixote .

## Brooklyn

Conceição Sacarrão sugere...



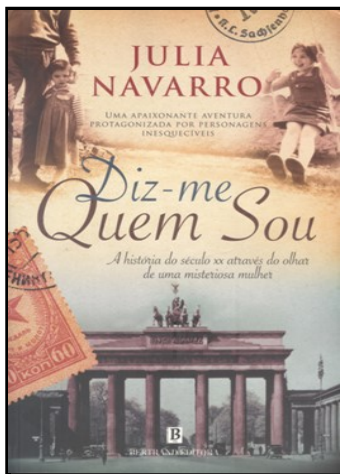
«A menina Kelly virou costas e começou a subir lentamente as escadas. Eilis sabia, enquanto fazia o caminho de regresso a casa, que a sua mãe iria ficar realmente feliz com o facto de ela ter encontrado uma maneira de ganhar o seu próprio dinheiro, mas que Rose iria pensar que trabalhar atrás de um balcão numa mercearia não era suficientemente bom para ela. Perguntou-se se Rose lhe diria isto directamente. A caminho de casa, parou na casa da sua melhor amiga, Nancy Byrne...» (p. 13).

Cota: 821-31 TOI  
N.º de registo: 13185

Tóibín, Colm (2010). *Brooklyn*. Lisboa: Bertrand.

## Diz-me quem sou

Conceição Sacarrão sugere...



«A Carla organizou uma festa à qual compareceram muitos dos seus amigos e vários dos seus inimigos. Ninguém era capaz de resistir a um convite de Carla Alessandrini, sobretudo quando, como nessa ocasião, se tratava de uma festa na sua própria casa. Em Milão, a diva vivia num palazzo de três andares luxuosamente decorado. Naquela noite, a casa estava iluminada apenas com velas e a Carla tinha determinado que fosse servido champanhe como única bebida. O Vittorio Leonardi não conseguia compreender a razão de tamanho dispêndio por parte da esposa...» (p. 574).

Cota: 821-311.6 NAV  
N.º de registo: 12725

Navarro, Julia (2011). *Diz-me quem sou*. Lisboa: Bertrand.

## Exposição

Conceição Sacarrão sugere...



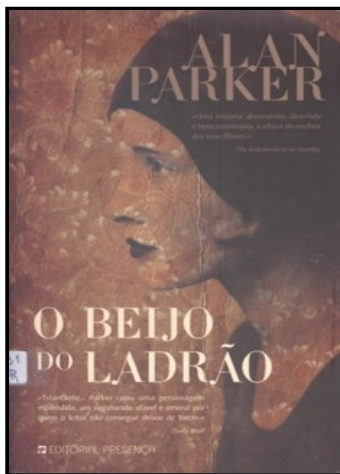
«Numa nota com a data de 3 de junho de 1954, o embaixador belga em Londres fez um convite ao governo de sua majestade da Grã-Bretanha: um convite para participar numa nova feira mundial a que os Belgas chamavam «Exposition Universelle et Internationale de Bruxelles 1958». Cinco meses mais tarde, a 24 de novembro de 1954, a aceitação formal do convite por do governo de sua majestade foi apresentada ao embaixador, por ocasião de uma visita a Londres do barão Moens de Fernig, o comissário-geral nomeado pelo governo belga para organizar a exposição» (p. 13).

Cota: 821-31 COE  
N.º de registo: 13234

Coe, Jonathan (2014). *Exposição*. Alfragide: D. Quixote.

## *O beijo do ladrão*

Conceição Sacarrão sugere...



«Tinha sete anos e estava a dormir profundamente quando São Francisco foi atingida pelo terramoto. Foi às cinco e treze da manhã de quarta-feira, 18 de Abril de 1906. Eu e o meu xerife andámos atrás do Barba Negra, o assaltante de diligências, e de um bando de facínoras cobardes que queríamos expulsar da cidade quando fomos interrompidos por uma terrível sacudidela, que me arrancou do sono – a mim e a milhões de pessoas. Tive a sensação de que todo o meu mundo tremeu durante os quarenta segundos mais longos da minha vida» (p. 13).

Cota: 821-31 PAR  
N.º de registo: 12929

Parker, Alan (2009). *O beijo do ladrão*. Lisboa: Presença.

## *O diabo e a gemada*

Conceição Sacarrão sugere...



«Apesar de ir à missa todos os domingos e de rezar as orações todas as noites, não sei se a minha avó acreditava em Deus, mas tenho a certeza de que acreditava no diabo, o qual entrava com prepotência em todos os seus ataques de fúria, assumindo também os nomes de Berlicches, Satanás, Satanasso, Maligno e brüt Demòni.

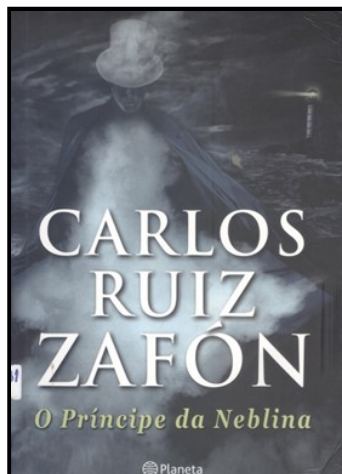
No sótão da memória revejo-me como uma menina curiosa, introvertida, constantemente preocupada em agradar à minha família. Acho que não o conseguia, porque quer a minha mãe quer a minha avó me arrastaram muitas vezes...» (p. 11).

Cota: 821-94 MOD  
N.º de registo: 13001

Modignani, Sveva Casati (2013). *O diabo e a gemada* (2.ª ed.). Porto: Porto Editora.

## *O príncipe da neblina*

Conceição Sacarrão sugere...



«Passaria muitos anos até que Max esquecesse o Verão em que descobriu, quase por acaso, a magia. Corria o ano de 1943 e os ventos da guerra arrastavam o mundo pela corrente abaixo, inevitavelmente. Em meados de Junho, no dia em que fez treze anos, o pai, relojoeiro e inventor de vez em quando, reuniu a família na sala de jantar e anunciou-lhes que aquele era o último dia que passariam na que fora a sua casa nos últimos dez anos. A família mudava-se para a costa, longe da cidade e da guerra, para uma casa junto à praia de uma pequena aldeiazita na orla...» (p. 13).

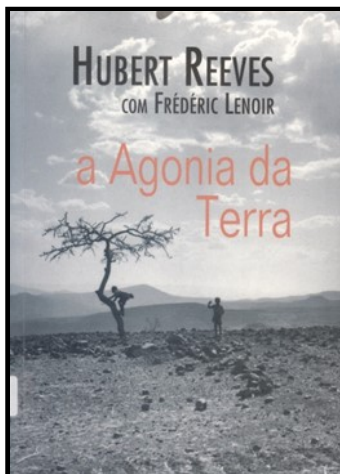
Cota: 821-31 RUI  
N.º de registo: 12716

Ruiz Zafón, Carlos (2011). *O príncipe da neblina*. Lisboa: Planeta.



## A agonia da terra

Emília Laranjeira sugere...



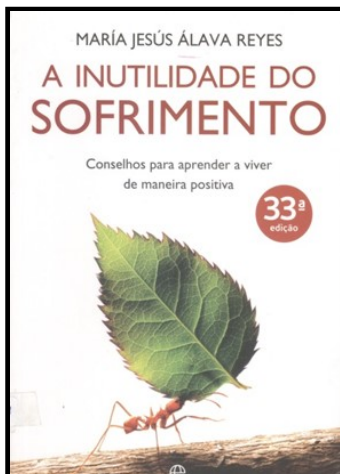
«A realidade do emporcalhamento do planeta está particularmente viva, nos tempos que correm, nas praias cobertas de petróleo viscoso e aves a ele presas, em consequência da interminável sucessão de naufrágios de barcos apodrecidos. Como os limpadores de praias com as suas pás, nós estamos de facto confrontados, em escala planetária, com uma tarefa verdadeiramente titânica. Ao longo de todo o século XX, o homem acumulou uma quantidade...» (pp. 129-130).

Cota: 502 REE  
N.º de registo: 11692

Reeves, Hubert (2006). *A agonia da terra*. Lisboa: Gradiva.

## *A inutilidade do sofrimento: conselhos para aprender a viver...*

Emília Laranjeira sugere...



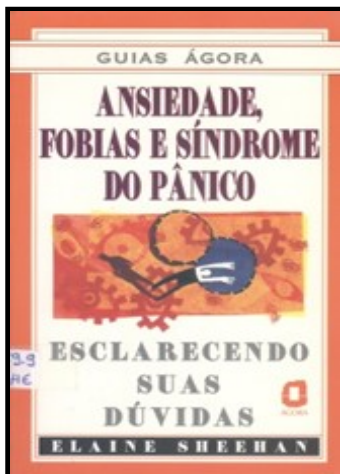
«A felicidade está no riso vivido, na alegria própria e partilhada; a felicidade está em interiorizar e integrar essas aprendizagens que nos levam à descoberta da nossa própria essência. Se ao cabo de anos sabemos menos que as crianças recém-nascidas, algo está a falhar! Mas se abrirmos os olhos e observarmos, rapidamente voltamos a ver! Descobrimos que estamos aqui para aprender a ser felizes, não para sofrer. Em suma, juntemos as energias para recuperar...» (p. 232).

Cota: 159.9 ALA  
N.º de registo: 12793

Álava Reyes, María Jesús (2011). *A inutilidade do sofrimento: conselhos para aprender a viver de forma positiva* (31.ª ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.

## *Ansiedade, fobias e síndrome do pânico*

Emília Laranjeira sugere...

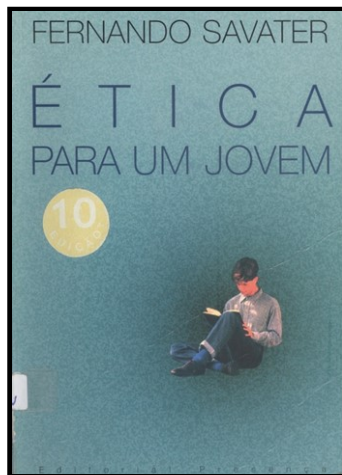


«Antes de mudar, é preciso querer essa mudança. Talvez seja útil listar o máximo de benefícios possíveis que podem ser obtidos como resultado do trabalho consigo mesmo. Torna-se completamente consciente disso pode fortalecer sua motivação e o desejo de mudar. Você pode pensar que ninguém gosta de ser ansioso ou temeroso, mas às vezes isso pode ter suas vantagens. Geralmente não continuamos a agir de uma determinada maneira se não estivermos...» (pp. 29-30).

Cota: 159.9 SHE

N.º de registo: 11854

Sheehan, Elaine (2000). *Ansiedade, fobias e síndrome do pânico*. Lisboa: Ágora.



«Há ciências que se estudam pelo simples interesse de saber coisas novas; outras. para se adquirir uma capacidade que permita fazer ou utilizar alguma coisa; a maioria. para se conseguir um lugar de trabalho e com ele ganhar a vida. Se não sentirmos curiosidade nem necessidade de realizar esses estudos, poderemos prescindir deles tranquilamente. Abundam os conhecimentos interessantíssimos, mas sem os quais nos podemos perfeitamente arranjar para viver...» (p. 21).

Cota: 17 SAV  
N.º de registo: 10099

Savater, Fernando (2003). *Ética para um jovem* (12.ª ed.). Lisboa: Presença.

## *O filósofo e o lobo: o que a selva nos pode ensinar sobre o amor...*

Emília Laranjeira sugere...



«Todos nós, acho, somos mais primatas do que os lobos. Em muitos de nós, o lobo foi praticamente suprimido da narrativa das nossas vidas. Mas o risco é todo nosso se deixarmos o lobo morrer. No final, as artimanhas do primata não dão em nada; a sua esperteza um dia trai-nos e a sorte macaca um dia acaba. (...) Às vezes é preciso falar o lobo dentro de nós; para silenciar o interminável palavreado do primata. Este livro é uma tentativa de falar pelo lobo da única forma que sou capaz...» (p. 21).

Cota: 821-31 ROW  
N.º de registo: 12548

Rowlands, Mark (2010). *O filósofo e o lobo o que a selva nos pode ensinar sobre o amor, a morte e a felicidade* (3.ª ed.). Alfragide: Lua de Papel.



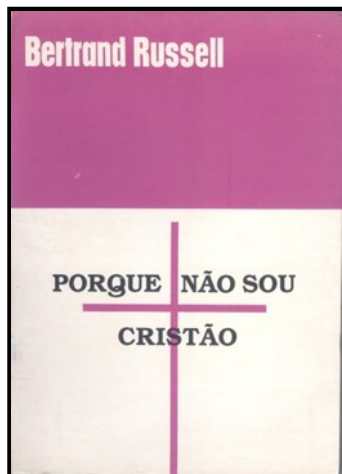
«Quero ser franco contigo: viver numa sociedade livre e democrática é uma coisa muito, mas mesmo muito, complicada. No fundo, os grandes totalitarismos do nosso século (comunismo, fascismo, nazismo e outros que apareçam, se é que ainda não estão todos) são tentativas de simplificar por meio da força a complexidade das sociedades modernas: são enormes simplificações, simplificações criminosas que tentam regressar a uma ou outra forma...» (p. 115).

Cota: 17 SAV  
N.º de registo: 10407

Savater, Fernando (2002). *Política para um jovem* (3.ª ed.). Lisboa: Presença.

## Porque não sou cristão

Emília Laranjeira sugere...



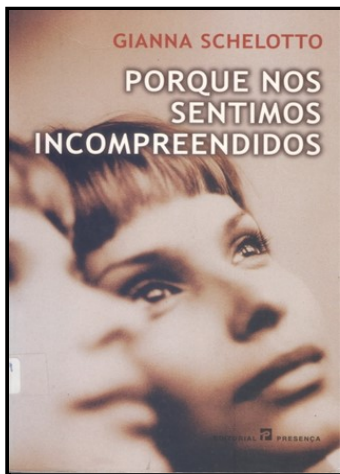
«Não entendo por cristão quem procura viver de modo conveniente e de harmonia com a razão. Penso que é necessária uma certa dose de determinada crença antes de ter o direito de se intitular cristão. De qualquer modo, a palavra não tem o rico sentido que possuía no tempo de Santo agostinho e de S. Tomás de Aquino. Nessas épocas, se alguém se confessava cristão sabia-se o que isso significava. Aceitava-se todo um conjunto de crenças estabelecidas com grande precisão e a todas as palavras dessas crenças se associava uma fé inabalável» (pp. 11,-12).

Cota: 1 RUS  
N.º de registo: 9250

Russel, Bertrand A. W. (s/d). *Porque não sou cristão*. Porto: Brasília.

## Porque nos sentimos incompreendidos

Emília Laranjeira sugere...



«Dormia profundamente naquela manhã de sábado; sonhava estar a bordo de um veículo extravagante, enorme, semelhante aos carrões dos filmes americanos dos anos 50. A verdadeira bizarria do carro era a cor, de um branco tão imaculado quanto improvável. Tentava pô-lo em funcionamento, a chave de ignição era daquelas que servem para dar corda aos brinquedos mecânicos das crianças. Ao gira-la, produzia-se um som como o do carrilhão, ténue e longínquo...» (p. 26).

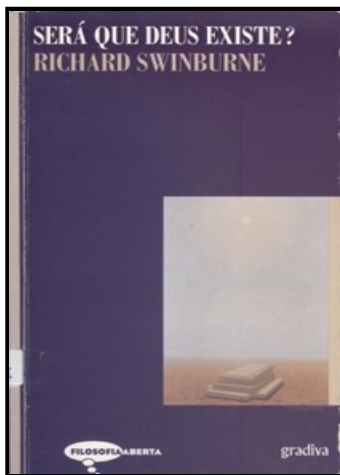
Cota: 159.9 SCH  
N.º de registo: 11417

Schelotto, Gianna (2002). *Porque nos sentimos incompreendidos*. Lisboa: Presença.



## Será que Deus existe?

Emília Laranjeira sugere...



«A estrutura básica do meu argumento é esta: os cientistas, historiadores e investigadores policiais observam dados e avançam a partir deles em direcção a uma certa teoria acerca do que melhor explica a sua ocorrência. Podemos analisar os critérios que usam ao chegar à conclusão de que uma certa teoria acomoda melhor os dados do que outra – isto é, que tem mais probabilidades, com base nesses dados, de ser verdadeira. Usando esses mesmos critérios...» (pp. 9-10).

Cota: 1 SWI  
N.º de registo: 10685

Swinburne, Richard (1998). *Será que Deus existe?*. Lisboa: Gradiva.

## *Sex signals: a linguagem de sedução*

Emília Laranjeira sugere...



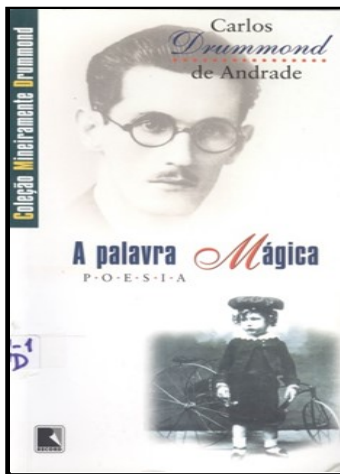
«Será preferível que isso pareça casual, para evitar o embaraço. Afastar-se do grupo e abordar alguém de outro grupo é um grande passo. É por isso que, em alguns casos, a fase da observação e da troca de olhares pode prolongar-se toda a noite e, apesar disso, não ir a lado nenhum, porque um de vocês se acobarda. Provavelmente sentir-se-á mais confiante afastar-se do seu grupo por outra razão, para proporcionar uma espécie de “paragem a meio caminho”...» (p. 97).

Cota: 159.9 JAM  
N.º de registo: 10864

James, Judi (2006). *Sex signals: a linguagem da sedução*. Lisboa: Presença.

## A palavra mágica: poesia

Esmeralda Rodrigues sugere...



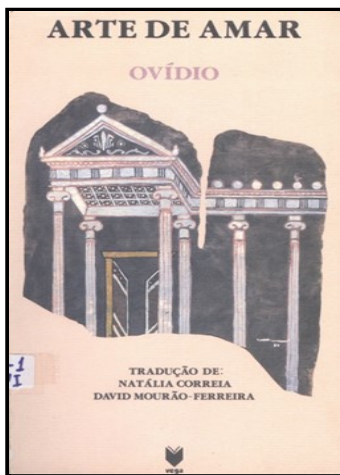
«No mundo em que vivemos, o relógio sempre suspenso sobre nossas cabeças regulando o nosso dia, os compromissos a que estamos presos absorvendo todo o nosso tempo – sejam as aulas do colégio, o esporte, o curso de inglês, a ida ao shopping etc. -, muitos poderiam ser tentados a responder negativamente. Entretanto, estariam se esquecendo de que a poesia, assim como a arte em geral, perpassa nossa vida, dialoga com a nossa sensibilidade, é inerente à nossa...» (p. 13).

Cota: 821-1 AND  
N.º de registo: 10920

Andrade, Carlos Drummond de (2005). *A palavra mágica: poesia* (12.ª ed.). Rio de Janeiro: Record.

## Arte de amar

Esmeralda Rodrigues sugere...



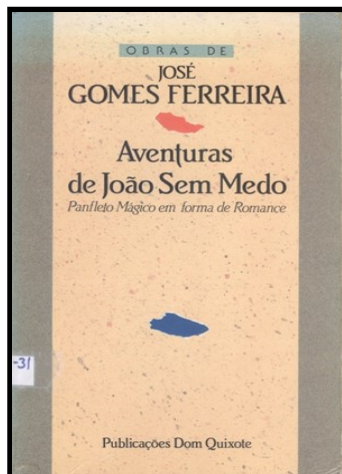
«Particularmente prezada durante a Antiguidade, lida e relida – sobretudo às escondidas – ao longo de quase toda a Idade Média, revalorizada com sempre renovado interesse a partir do Renascimento, a Arte de Amar de Ovídio não é apenas um dos momentos perenes da literatura ocidental, mas também uma espécie de ponte ininterrupta, com sólidos pilares assentes no curso movediço de cada século, a atestar e a reforçar a continuidade dessa mesma literatura...» (p. 7).

Cota: 821-1 OVI  
N.º de registo: 9971

Ovídio (1970). *Arte de amar* (2.ª ed.). Lisboa: Vega.

## *Aventuras de João sem Medo: panfleto mágico em forma de...*

Esmeralda Rodrigues sugere...



«Era uma vez um rapaz chamado João que vivia em Chora-Que-Logo-Bebes, exígua aldeia aninhada perto do Muro construído em redor da Floresta Branca onde os homens, perdidos dos enigmas da infância, haviam instalado uma espécie de Parque de Reserva de Entes Fantásticos.

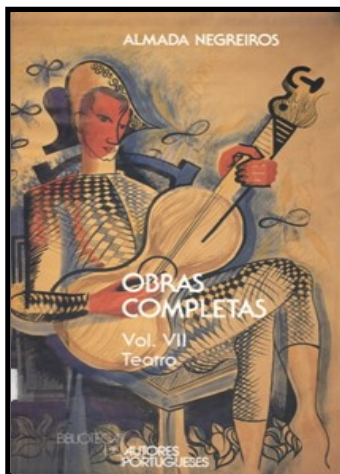
Apesar de ficar a pouca distanciada povoação, ninguém se atrevia a devassar a floresta. Não só por se encontrar protegida pela altura descomunal do Muro, mas principalmente porque os choraquelogobebenses – infelizes chorincas que se lastimavam de manhã até à noite...» (p. 11).

Cota: 821.134.3-31 FER  
N.º de registo: 7089

Ferreira, José Gomes (1980). *Aventuras de João sem Medo: panfleto mágico em forma de romance* (11.ª ed.). Lisboa: Moraes Editores.

## Obras completas: teatro

Esmeralda Rodrigues sugere...



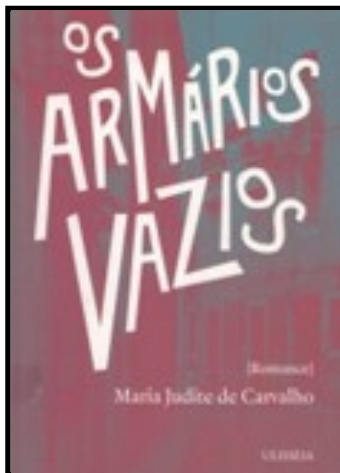
«Teatro é o escaparate de todas as artes. Todas as artes são todas as peças da mesma coisa. Perguntaram-me se o teatro não era a mais fácil das artes. Respondi: não há artes mais fáceis, qualquer delas é facilidade. Teatro é facilidade ali, à vista de todos. Arte é tornar fácil o difícil. O difícil é o espontâneo. Este vem no fim. Pois quando foi primeiro não estava lá o próprio. O demónio da arte é faculdade de tornar arbitrária a ordem dos factores «antes» e «depois»: depois primeiro que antes, antes e depois ao mesmo tempo, e uma vez embaralhados ambos...» (p. 13).

Cota: 821.134.3-2 NEG  
N.º de registo: 12039

Negreiros, Almada (1993). *Obras completas: teatro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

## Os armários vazios

Esmeralda Rodrigues sugere...



«Foi um dia de primavera que começou e acabou como todos os outros, pelo menos aparentemente, diria ela, ou, melhor, era natural que o pensasse; nunca foi pessoa de muitas falas. Dizia o necessário, mas reduzido ao mínimo indispensável, ou então um necessário que depressa se cansava, se detinha a meio caminho, como se ela se desse subitamente conta de que não valia a pena prosseguir, porque isso era um esforço inútil. Ficava então quieta, sem gestos, hesitante à beira das reticências como alguém à beira de Inverno, e nesses momentos o seu olhar perdia todo o brilho, era como um mata-borrão...» (p. 9).

Cota: 821.134.3-31 CAR  
Nº de registo: 13128

Carvalho, Maria Judite de (2011). *Os armários vazios*. Lisboa: Ulisseia.

## *Raiz de orvalho: e outros poemas*

Esmeralda Rodrigues sugere...



«Tenho demasiado sono para alimentar crenças. Das casas vou preferindo os cantos interiores, obsessivas sombras em que vou julgando. Se me acerco das janelas é apenas para ver o longe, as ténues linhas do azul inatingível. As portas, fechadas ou abertas, pouco valem. Desfaleceram com o desencanto dos caminhos. Vou ficando pela distração de desejos mansos, sem guarda réstia de glória nem consolo. Assim, dou feriado minha existência.

Sofro a fadiga das viagens que nunca ousei. Mas não me dedico nenhum desalento. Porque mantenho dos índios o preceito...» (p. 94).

Cota: 821-1 COU  
Nº de registo: 12632

Couto, Mia (2001). *Raiz de orvalho: e outros poemas* (3.ª ed.). Lisboa: Caminho.



## A beleza da coisas frágeis

Fernanda Cravo sugere....



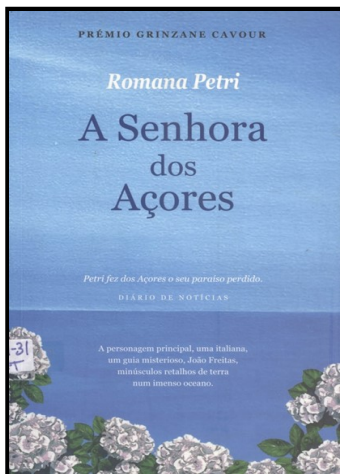
«Mas, ao olhar agora para a mangueira grávida no meio do jardim. Em flor, com a sua copa densa bem alta no ar, sabe que não consegue imaginá-la ausente dali – embora pudesse ter dito o mesmo de si próprio anos atrás. Depois, ao segurar Sadie na ponta dos seus dedos, com todo o seu ser a tremer do esforço de querer existir, ele imaginara-se a si próprio irremovível, como a marca de uma paisagem. Intrínseca à paisagem. O centro, de certa forma.» (p. 55).

Cota: 821-31 SEL  
N.º de registo: 13280

Selasi, Taiye (2014). *A beleza da coisas frágeis*. Lisboa: Quetzal.

## A senhora dos Açores

Fernanda Cravo sugere....



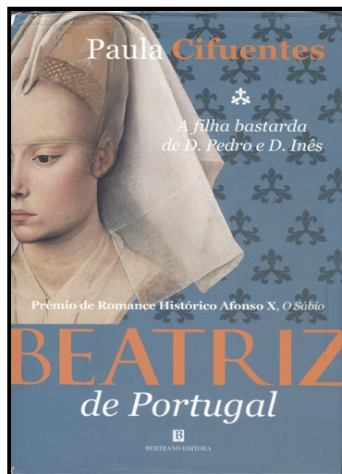
«Este céu lindo e as nuvens velozes que parecem confundir-se, mas que afinal são nuvens solitárias, capazes de se sobreporem passando umas pelas outras em níveis paralelos. É por causa do vento, que as desloca a seu bel-prazer fazendo-as deslizar muito suavemente, enquanto nós, cá em baixo, com os braços cruzados, apertamos a camisa contra o corpo. Foi num dia como este, com o céu em movimento e as nuvens correndo velozes em direcção ao cume do monte do Pico, que conheci João Freitas. Caminhava pela rua principal dos arcos, uma estrada de terra...» (p. 11).

**Cota: 821-31 PET**  
**N.º de registo: 12930**

**Petri, Romana (2010). *A senhora dos açores*. Lisboa: Bertrand Editora.**

## *Beatriz de Portugal: a filha bastarda de D. Pedro e D. Inês*

Fernanda Cravo sugere....



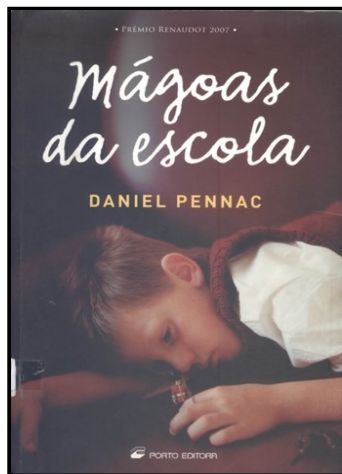
«Não sou assim tão má. Ou não o fui. O Juízo Final não me mete medo. Superada a morte, tudo se vê de maneira diferente. E não me refiro apenas à opinião, que é mutável, mas sim ao acto mais simples de observar. O mundo colorido, o interior do corpo humano, agora sei-o, apenas vermelho. Mas para os fantasmas, ou pelo menos para os que estão em trânsito – é assim que nos chamam -, tudo é cinzento. Isso é algo que aprendi agora. Tive de esperar a morte para o saber. Não me recordo quem me preparou para este momento, mas fê-lo francamente mal.» (p. 11).

Cota: 821-311.6 CIF  
N.º de registo: 12649

Cifuentes, Paula (2008). *Beatriz de Portugal: a filha bastarda de D. Pedro e D. Inês*. Lisboa: Bertrand.

## Mágoas da escola

Fernanda Cravo sugere....



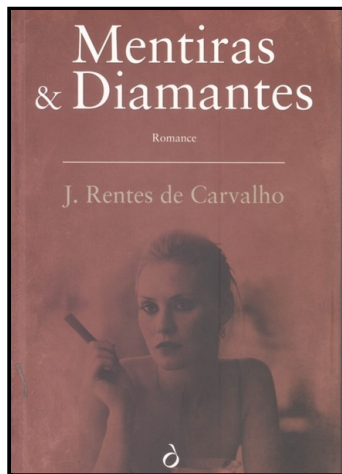
«A verdade é que fui um mau aluno e a minha mãe nunca se refez completamente desse desgosto. Hoje com a sua consciência de senhora muito idosa abandona os limites do presente e refluí lentamente para os longínquos arquipélagos da memória, os primeiros recifes que emergem recordam-lhe a inquietação que a devorou durante toda a minha escolaridade. Pousa em mim um olhar inquieto e, lentamente: -Que fazes na vida? O meu futuro afigurou-se-lhe tão comprometido desde sempre que nunca acreditou muito no meu presente.» (p. 15).

Cota: 821-31 PEN  
N.º de registo: 11844

Pennac, Daniel (2009). *Mágoas da escola*. Porto: Porto Editora.

## Mentiras & diamantes

Fernanda Cravo sugere....



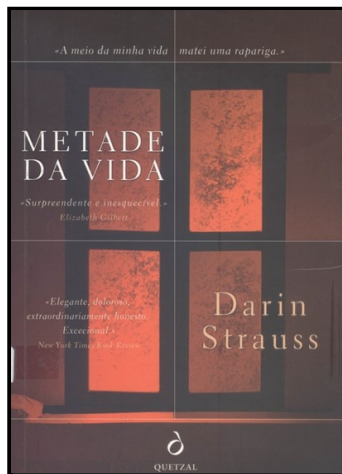
«Os gritos tinham-se-lhe tornado indistintos, ecos ao longe, das cacetadas e dos pontapés – já só a espaços sentia um relâmpago de dor. Desorientado. O quente da urina a escorrer pelas pernas. Ficou-lhe a impressão de um voo lento quando o empurraram contra a mesa e caiu nela de borco. Suor. Sangue. Ansiando pelo momento de se fundir na névoa, que ora o envolvia e logo se afastava, a pendular com a luz da lâmpada que, mesmo de olhos fechados, lhe trespassava o crânio.» (p. 9).

Cota: 821.134.3-31 CAR  
N.º de registo: 13196

Carvalho, J. Rentes de (2013). *Mentiras & diamantes*. Lisboa: Quetzal.

## Metade da vida

Fernanda Cravo sugere....



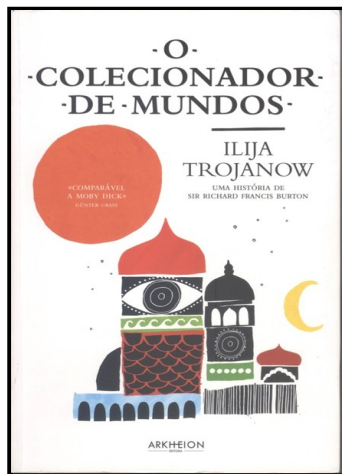
«Acabara de fazer dezoito anos, e quando conduzes a seguir à adolescência, vais com o carro cheio de malta amiga. Íamos jogar umas quantas partidas de minigolfe. Era em maio de 1988. A brisa que entrava pela janela aberta fazia-me dançar o cabelo atrás das orelhas e do pescoço. Ainda nos faltava um mês para acabar as aulas. Eu ia ao volante, e lá mais à frente, do lado direito, um par de ciclistas inclinava-se sobre o guiador. O horizonte colorido em tons de aguarela não passava da modesta linha...» (p.11).

Cota: 821-31 STR  
N.º de registo: 12994

Strauss, Darin (2011). *Metade da vida*. Lisboa: Quetzal.

## *O colecionador de mundos*

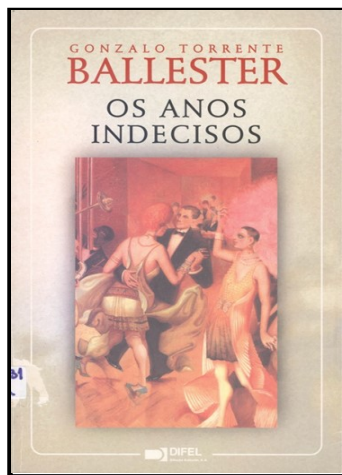
Fernanda Cravo sugere....



«No terceiro dia abriram os baús, e cada um deu na apreciar aos outros os seus objetos de valor. Às vezes o jovem Mohammed perdia-se a de amores por uma qualquer preciosidade e ficava a acaricia-la até que lhe exigissem que a devolvesse. Ninguém se irritava mais com isso do que Hamid, que preferia ficar sentado em cima do seu baú, cheio até cima com presentes para a filha do seu tio, com outras palavras para a sua esposa. Além do grande baú, Hamid era a pura penúria...» (p. 260).

Cota: 821-31 TRO  
N.º de registo: 13271

Trojanow, Ilija (2012). *O colecionador de mundos*. Vila Nova de Gaia: Arkheion.



«Aquele tipo que se parecia comigo tocava o bandoneón bastante bem. Tocava-o muito bem e parecia-se comigo em tudo, menos numa coisa: era calvo, ou pelo menos começava a sê-lo, e eu não. Toda a gente o sabe. Assim como eu adivinhava logo o que ele ia tocar, ele adivinhava os meus pensamentos, de maneira que, quando um par se pôs a dançar o tango apenas com piano e violino, ele desceu e veio até mim, enquanto eu me levantava e ia até ele.» (p. 9).

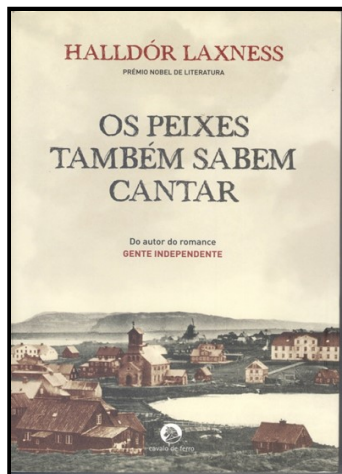
Cota: 821-31 TOR  
N.º de registo: 10530

Torrente Ballester, Gonzalo (1998). *Os anos indecisos*. Lisboa: Difel.



## *Os peixes também sabem cantar*

Fernanda Cravo sugere....



«Um sábio disse uma vez que, para além de perder a mãe, não há nada mais saudável para uma criança do que perder o pai. Embora, com toda a franqueza, eu jamais pudesse subscrever semelhante afirmação, seria a última pessoa a rejeitá-la liminarmente. Naquilo que me diz respeito, se enunciasse uma doutrina do género, esta não detonaria qualquer vestígio de amargura em relação ao mundo, ou, melhor dito, não traria consigo a mágoa que implica o mero som destas palavras» (p. 7).

Cota: 821-31 LAX  
N.º de registo: 13217

Laxness, Halldór (2010). *Os peixes também sabem cantar*. Lisboa: Cavalo de Ferro.

## *Uma longa viagem: o homem dos comboios*

Fernanda Cravo sugere....



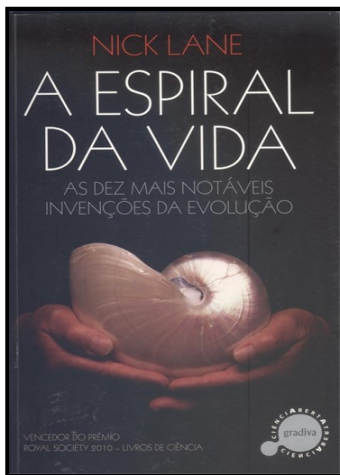
«Nasci em 1919, o ano em que a Primeira Guerra Mundial terminou formalmente, o ano em que Alcock e Brown saíram do céu chuvoso numa manobra hábil depois de atravessar o Atlântico e aterraram o seu frágil bombardeiro num lameiro da Irlanda. Lembro-me de, ainda muito pequeno, ouvir falar desta pobreza de engenharia e perícia aeronáuticas e de nos dois intrépidos pilotos quando, pela mão do meu pai, passeava no lúgubre passeio marítimo de Joppa...» (p. 12).

**Cota: 821-94 LOM**  
**N.º de registo: 13262**

**Lomax, Eric (2014). *Uma longa viagem: o homem dos comboios*. Alfragide: Relógio d'água.**

## *A espiral da vida: as dez mais notáveis invenções ...*

Isabel Bernardo sugere...



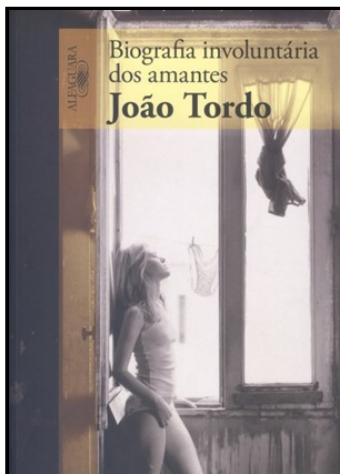
«A noite seguia-se ao dia numa sucessão veloz. Nessa altura, na Terra, um dia durava apenas cinco ou seis horas. O planeta girava loucamente sobre os eixos. A lua pendia no céu pesada e ameaçadora, muito mais próxima e, logo, parecendo muito maior do que hoje. As estrelas raramente brilhavam já que a atmosfera estava repleta de nevoeiro e poeira, no entanto, estrelas cadentes impressionantes riscavam com frequência o céu de breu. O sol, quando podia...» (p. 21).

**Cota: 57 LAN**  
**N.º de registo: 12896**

**Lane, Nick (2012). *A espiral da vida: as dez mais notáveis invenções da evolução*. Lisboa: Gradiva.**

## *Biografia involuntária dos amantes*

Isabel Bernardo sugere...



«A primeira vez que o vi estava sentado num banco, no meio da rua, a tocar, uma guitarra castanha de quatro cordas, meio escavacada pelo tempo. Havia duas pessoas paradas em frente do banco; à nossa esquerda, a praceta circular, onde as meninas feitas de pedra, numa infância perpétua, brincavam com um aro metálico, ao lado de um rapazinho, também ele esculpido, que bebia de um jorro de água. Estávamos em finais de Abril ou no princípio de Maio...» (p. 19).

Cota: 821.134.3-31 TOR  
N.º de registo: 13215

Tordo, João (2014). *Biografia involuntária dos amantes*. Carnaxide: Alfaguara.

## Continente selvagem: a Europa no rescaldo da Segunda...

Isabel Bernardo sugere...



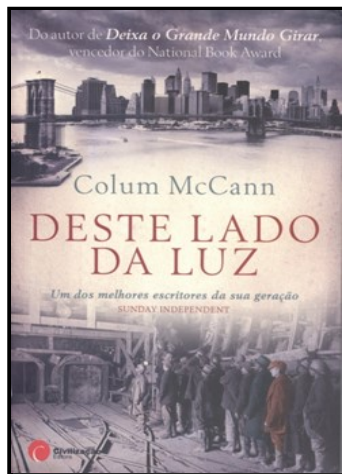
«No início de maio de 1945 um judeu de 18 anos, chamado Romam Halter, foi libertado pelos russos. Ele e outros dois judeus tinham estado escondidos perto de Dresden, com um casal alemão que os tinha acolhido depois de terem escapado de uma marcha da morte. Tendo sobrevivido a vários campos de concentração, incluindo Auschwitz, estava fraco e emaciado – mas estava vivo e sabia a sorte que tinha. No dia a seguir à sua libertação, Halter despediu-se...» (p. 248).

Cota: 94(4+7) LOW  
N.º de registo: 13197

Lowe, Keith (2013). *Continente selvagem: a Europa no rescaldo da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Bertrand.

## Deste lado da luz

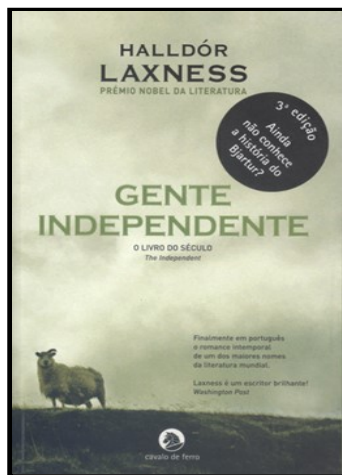
Isabel Bernardo sugere...



«Eleanor coloca uma fotografia da mãe e do pai sobre a sua mesa-de-cabeceira. Foi tirada numa feira de verão em Broklyn, no início do século, uma grande roda como pano de fundo, imóvel contra o céu, como uma pulseira vulgar. Con O’Leary tem o início de um bigode a espalhar-se por cima do lábio. O vestido de Maura está abotoado até ao pescoço, mas o terceiro botão e o quarto abriram-se de súbito inadvertidamente, mostrando o decote.» (p. 82).

Cota: 821-31 MCC  
N.º de registo: 13257

McCann, Colum (2011). *Deste lado da luz*. Porto: Civilização.



«Noite de São João; nesta altura aqueles que se banharem no orvalho podem exprimir um desejo. Jovem e esguia, ela caminha junto do riacho até ao prado, descalça e molha os pés na lama morna dos atoleiros. Amanhã vai poder ir à vila e conhecer o mundo com os seus próprios olhos. Há muito que a chegada desse dia habitava os seus devaneios como uma agradável hipótese, todas as noites desde aquele dia no Inverno ela adormecia no imaginário dessa viagem tão desejada» (pp. 196-197).

Cota: 821-31 LAX  
N.º de registo: 13252

Laxness, Halldór (2007). *Gente independente* (2.ª ed.). Lisboa: Cavalo de Ferro.

## Atlas das nuvens

Isabel Bernardo sugere...



«Da festa ao lado emerge uma rapariga que vem apoiar-se ao balcão vizinho. Usa o cabelo curtíssimo, muito sofisticado, e um vestido violeta muito elegante, mas parece incuravelmente triste só. Vá lá, propõe-lhe um pacto de suicídio...Sixsmith não está sério e tão pouco se prepara para saltar, nunca, enquanto lhe restar uma centelha de sentido de humor. Além disso, um discreto acidente é precisamente aquilo por que anseiam Grimaldi, Napiere os outros arruaceiros...» (p. 107).

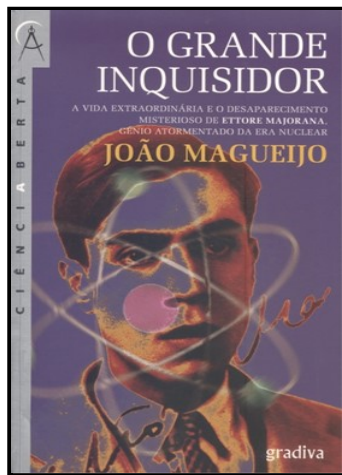
Cota: 821-31 MIT  
N.º de registo: 13122

Mitchell, David (2012). *Atlas das nuvens* (2.ª ed.). Lisboa: Presença.



## *O grande inquisidor: a vida extraordinária e o desaparecimento...*

Isabel Bernardo sugere...



«Numa parte muito bela da cidade, não muito longe do sítio onde me encontrei com Ettore, fica a Via Panisperna. O edifício onde funcionou o Instituto Via Panisperna é hoje matéria de fábulas. No terreno onde foi construído existiram em tempos dois conventos que faziam parte do domínio papal, mas, em 1870, a propriedade passou para o rei (como quase todo o resto, excepto todo o vaticano). Depois da criação da Universidade de Roma, os dois conventos foram...»(p. 153).

Cota: 53(092) MAG  
N.º de registo: 12657

Magueijo, João (2011). *O grande inquisidor: a vida extraordinária e o desaparecimento misterioso de Ettore Majorana, génio atormentado da era nuclear*. Lisboa: Gradiva.

## O sentido do fim

Isabel Bernardo sugere...



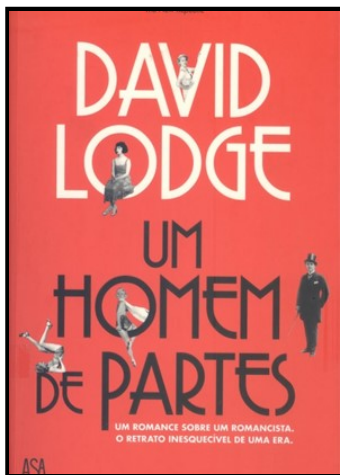
«Imaginem alguém, noite dentro, um bocado bêbado, a escrever uma carta a uma antiga namorada. Endereça o envelope, põe o selo, pega no casaco, caminha até ao marco de correio, mete a carta lá dentro, caminha até cas e vai para a cama. O mais provável seria não fazer toda a última parte, não seria? Deixar a carta para de manhã apor no correio. E depois, muito possivelmente, pensar melhor. Há por isso muito a dizer sobre o email, a espontaneidade...» (p. 109).

Cota: 821-31 BAR  
N.º de registo: 12988

Barnes, Julian (2012). *O sentido do fim* (7.ª ed.). Lisboa: Quetzal.

## Um homem de partes

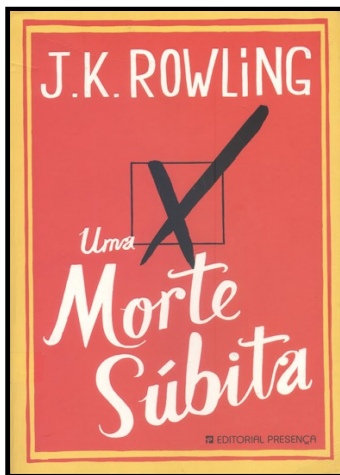
Isabel Bernardo sugere...



«Na primavera de 1944, Hanover Terrace, uma elegante fiada de moradias de Nash no perímetro ocidental de Regent's Park, apresenta-se claramente danificada pela guerra. A sua fachada de estuque creme, sem conservação desde 1939, está enegrecida, cheia de fendas e com a pintura a estalar; muitas janelas, estilhaçadas pela explosão das bombas ou pelas ondas de choque provocadas pelas baterias antiaéreas e Primrose Hill, estão entaipadas; uma das últimas...» (p. 13).

Cota: 821-31 LOD  
N.º de registo: 13006

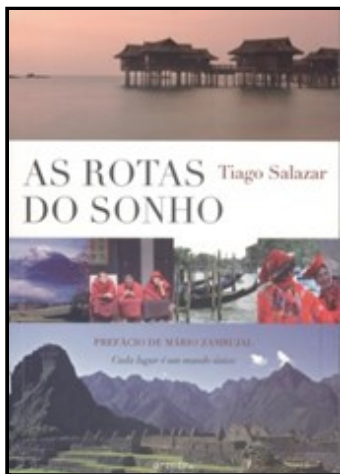
Lodge, David (2013). *Um homem de partes*. Porto: Asa.



«O anúncio da morte de Barry Fairbrother no site da Assembleia Comunitária afundou-se quase sem a mínima agitação, como um minúsculo seixo no oceano efervescente. Ainda assim, as linhas telefónicas em Pagford estavam mais ocupadas do que o habitual nessa segunda-feira, e pequenos grupos de transeuntes continuavam a congregar-se nos passeios estreitos para verificar, em vozes chocadas, a exatidão das suas informações. À medida que a notícia viajava...» (p. 54).

Cota: 821-31 ROW  
N.º de registo: 13093

Rowling, J. K. (2012). *Uma morte súbita*. Barcarena: Presença.



«Acabo de correr meio mundo, parágrafo a parágrafo, com a sensação de que fui conduzido, em simultâneo, a dois cobiçáveis prazeres: de ler e viajar. Aconteceu assim quando a literatura de viagens, de tão fundas tradições na História e na Cultura portuguesas, se estriba na qualidade da prosa e na sensibilidade do escritor para nos dar algo de mais suculento que imagens comentadas de bilhete de postal. Caminheiro do mundo, com alma e traquejo de repórter, Tiago Salazar...» (p. 11).

Cota: 821.134.3-992 SAL  
N.º de registo: 13225

Salazar, Tiago. (2010). *As rotas do sonho*. Alfragide: Oficina do Livro.

## *Brasil 2000: antologia de poesia contemporânea ...*

Paulo Melo sugere...



«A poesia brasileira é uma selva. Mas no meio dessa tormenta há, ainda, poetas que escrevem poemas com palavras. Neste país de muitos desencontros, no que diz respeito à poesia e à literatura poética, escrever poemas com palavras pode ser uma dádiva.

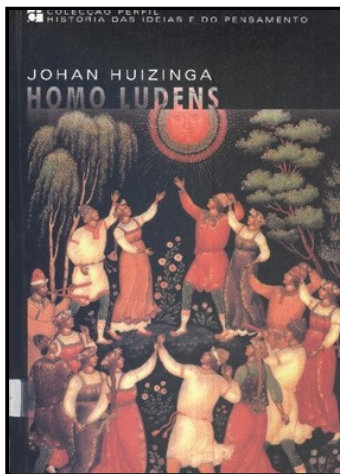
Os 40 nomes que compõe esta antologia de poesia brasileira traçam um quadro que tenta abranger várias tendências poéticas...» (p. 5).

Cota: 821-1 BRA  
N.º de registo: 13246

Faria, Álvaro Alves de. (2000). *Brasil 2000: antologia de poesia contemporânea brasileira*.  
Coimbra: Alma Azul.

## *Homo ludens: um estudo sobre o elemento lúdico da cultura*

Paulo Melo sugere...



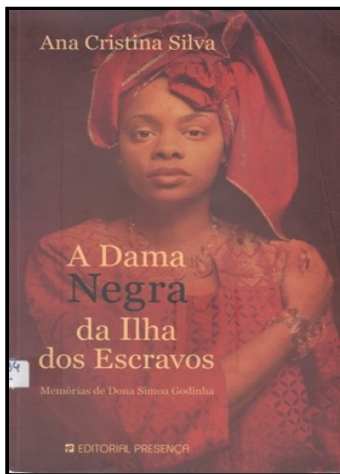
«O jogo é mais velho que a cultura, pois a cultura, ainda que inadequadamente definida, pressupõe de uma sociedade humana e os animais não esperaram que o homem os ensinasse a jogar. Podemos afirmar com segurança que mesmo a civilização humana nada acrescentou de substancial à ideia geral de jogo. Os animais brincam, tal como os homens. Basta observar os cachorros para se perceber que todos os elementos essenciais do jogo humano se encontram presentes...» (p. 17).

Cota: 796 HUI  
N.º de registo: 11457

Huizinga, Johan. (2003). *Homo ludens: um estudo sobre o elemento lúdico da cultura*. Lisboa: Edições 70.

## *A dama negra da ilha dos escravos...*

Paulo Melo sugere...



«Olho para ti, minha filha, e reconheço no sono uma forma de bênção. Quase não me lembro de como é saborear essa sensação de uma existência sem passado, onde o ritmo de uma respiração regular é o único sinal de que persistimos algures. O meu sono é breve e resulta sobretudo de um esgotamento de forças. Há anos que durmo pouco e mal, encostada a numerosas almofadas. Mas a idade tem também os seus prodígios e recebe da insónia outras dádivas...» (p. 139).

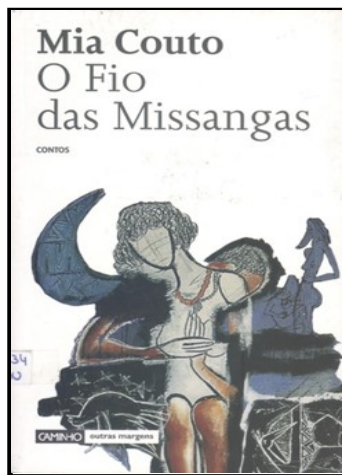
Cota: 821.134.3-94 SIL  
N.º de registo: 12559

Silva, Ana Cristina. (2009). *A dama negra da ilha dos escravos: memórias de Dona Simoa Godinha*. Barcarena: Presença.



## O fio das missangas

Paulo Melo sugere...



«Nunca quis. Nem muito, nem parte. Nunca fui eu, nem dona, nem senhora. Sempre fiquei entre o meio e a metade. Nunca passei de meios caminhos, meios desejos, meia saudade. Daí o meu nome: Maria Metade.

Fosse eu invocada por voz de macho. Fosse eu retirada da ausência por desejo de alguém. Me tivesse calhado, ao menos...» (p. 41).

Cota: 821-34 COU  
N.º de registo: 12635

Couto, Mia. (2008). *O fio das missangas* (5.ª ed.). Lisboa: Caminho.

## Obra poética 1960-2000

Paulo Melo sugere...



«No sentido da positividade vão também a funda atenção à natureza em tantos dos poemas de João Rui de Sousa, e o suporte que, em muitos deles imagens e metáforas encontram no mundo natural, fonte permanente de encontro do sujeito consigo mesmo e de superação de pulsões negativas. Precisamente a estas e aos sentimentos de «desolação» e desengano que geram, se opõe, no mais recente título do poeta, (...), nocturnamente dominado por imagens...» (p. 40).

Cota: 821.134.3-82 SOU  
N.º de registo: 13287

Sousa, João Rui de. (2002). *Obra poética 1960-2000*. Lisboa: Dom Quixote.

## Os novos mistérios de Sintra

Paulo Melo sugere...



«É uma ideia muito conhecida: quando se bate no fundo, torna-se inevitável voltar para cima. E é isso, exactamente, o que está a acontecer-me – e não é sem tempo.

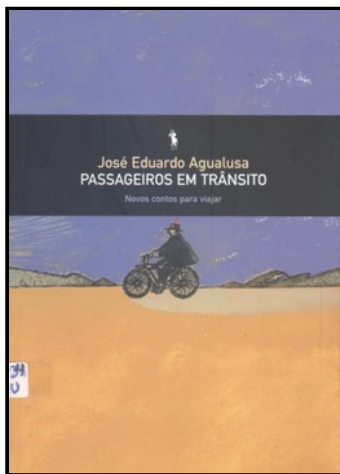
Após estes últimos dias de angústia (isto para não mencionar, sequer, noites!), sinto-me estranhamente calma e lucida. Mais ainda: sinto-me decidida a encontrar o Gonçalo, sozinha e contra todos» (p. 133).

Cota: 821.134.3-31 NOV  
N.º de registo: 12547

Vieira, A., Aguiar, J., Fanha, J., Letria, J. J., Beltrão, L., & Zambujal, M., et al. (2009). *Os novos mistérios de Sintra* (7.ª ed.). Alfragide: Oficina do Livro.

## *Passageiros em trânsito: novos contos para viajar*

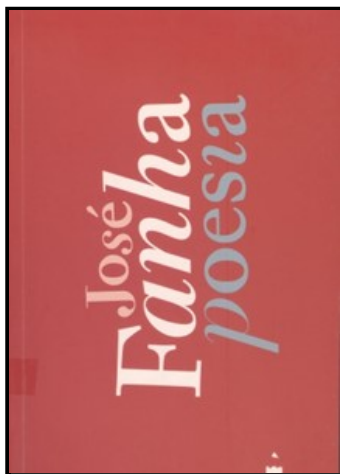
Paulo Melo sugere...



«O passado é como o mar: nunca sossega. As casas encolhem, como os velhos, ao passo que as árvores crescem sem parar. Quando regressamos, decorridos muitos anos, aos lugares da nossa infância encontramos árvores gigantescas sufocando de terror à sombra delas as casas minúsculas que um dia foram nossas. Mal reconhecemos a cama de bonecas em que dormimos quando éramos crianças, ou o quintal, que sempre julgámos ser imenso, e que tem, afinal, apenas...» (p. 11).

Cota: 821-34 AGU  
N.º de registo: 12545

Agualusa, José Eduardo (2009). *Passageiros em trânsito: novos contos para viajar* (4.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.



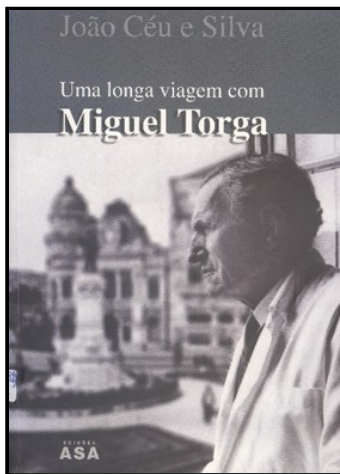
A minha relação com a poesia começa cedo. Com as memórias que me foram transmitidas pelo meu avô Jaime Krusse Gomes, e que foi cantor lírico, actor amador e poeta. Um pouco mais tarde menino do Colégio Militar, onde estive dos 10 aos 17 anos, lançava poemas e desenhos a um caderninho onde guardava o que de melhor era capaz de dizer de mim. Um dia fui mostrá-lo envergonhadamente a um professor de filosofia que o leu e me disse com voz de surpresa...» (p. 5).

**Cota: 821.134.3-82 FAN**  
**N.º de registo: 13303**

**Fanha, José (2012). *Poesia*. Coimbra: Lápis de Memória.**

## Uma longa viagem com Miguel Torga

Paulo Melo sugere...



«Quando se pergunta a Manuel Alegre como é que conheceu Miguel Torga, a resposta remota a muitos anos: “Torga já era uma figura mítica quando chego a Coimbra. Um dia, ao entrar no eléctrico dos Olivais, vejo-o sentado no banco e, apesar de ser a primeira vez que estava à sua frente, percebi logo que era o Torga. Era uma figura tão singular, tão viriática, que tinha algo de radioso no meio daquele aspecto granítico.” A voz Manuel Alegre espalha-se pelo seu gabinete...» (p. 17).

Cota: 80(092) SIL  
N.º de registo: 12809

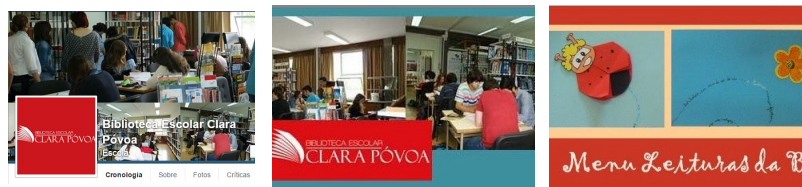
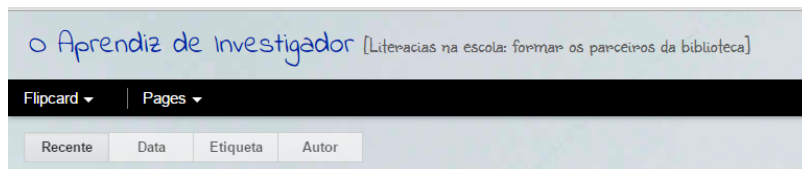
Silva, João Céu e (2007). *Uma longa viagem com Miguel Torga*. Porto: Asa.

## Missão

Enquanto estrutura pedagógica, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF tem por missão apoiar o processo de ensino e aprendizagem, promover a leitura, a literacia da informação e o gosto pela frequência de bibliotecas ao longo da vida, a fim de contribuir para a formação de cidadãos informados, críticos, responsáveis, utilizadores efetivos da informação e com capacidade de aprendizagem autónoma.

## Visão

Integrado na RBE, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF pretende continuar a ser uma referência neste programa. Aberto às orientações nacionais e internacionais e à colaboração em rede, desenvolve o seu trabalho numa busca contínua da excelência dos serviços e da coleção, acessíveis equitativa e livremente, potenciando os valores e demais orientações estratégicas expressas no Projeto Educativo do Agrupamento.



Bem-Vindo

Início  
Bibliotecas  
Rede Concelhia  
Catálogo Coletivo

Catálogos

**Catálogo Coletivo**

= Início

Selecione o tipo de p

